

## HISTÓRIAS, SABERES, PRÁTICAS: OS ESTUDOS SOBRE MULHERES ENTRE AS PARAENSES<sup>1</sup>

*Maria Luzia Miranda Álvares<sup>2</sup>*

### INTRODUÇÃO

O levantamento dos estudos e pesquisa sobre a questão da mulher e a formação dos núcleos e grupos de estudos de gênero no Pará, provavelmente, têm mostrado similaridade com outros dados e outras histórias ocorridas nos demais Estados brasileiros. Sem ser integrado a um projeto feminista, mas em torno de demandas pelo tema mulher, algumas pesquisadoras de áreas diversas, na década de 70 - como é caso das antropólogas Maria Angelica Motta-Maués (1977) e Jane Felipe Beltrão (1979), elaboraram a construção de seus objetos de estudo, no espaço acadêmico, demarcando as fronteiras no interior de áreas clássicas das Ciências Humanas, ainda não alinhadas à perspectiva feminista, cuja segunda onda, no Brasil, estava se iniciando com a vertente política do Ano Internacional da Mulher, em 1975, evento promulgado pela ONU. Ao se constituírem em proponentes de análises sobre a questão da mulher, nos espaços da pós-graduação, estas pesquisadoras não fugiram à tradição dos “estudos produzidos pelas Ciências Sociais, onde sempre existiram, embora em menor número, estudos focalizando particularmente a mulher. A questão está na qualidade da presença do sexo feminino na literatura científica”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Texto preliminar originalmente apresentado em Mesa Redonda de avaliação da trajetória dos Núcleos de Estudos e Pesquisas das universidades, durante o 7º Encontro da REDOR, em set./1998, em São Luís, Maranhão com a seguinte abordagem: a) *O Norte e o Nordeste: os estudos de gênero e as metodologias de abordagem feminista*; b) *Repercussão dos estudos de gênero nas transformações sociais no Norte e no Nordeste*; c) *Estratégias de desenvolvimento das pesquisas integradas: dos núcleos à REDOR*. Outros informes foram acrescidos na reelaboração do texto para dar uma visão mais geral do que está ocorrendo, neste momento, com os novos estudos sobre gênero, femininidade e masculinidade. Foi publicado em “Os Poderes e os Saberes das Mulheres: A Construção do Gênero”. In: Ferreira, Mary, Álvares MLM & Santos, Eunice. Salvador, REDOR, 2001, 445 p.

<sup>2</sup> Professora adjunto 4, Departamento de Ciência Política/CFCH/UFPA. Coordenadora do GEPEN/UFPA.

<sup>3</sup> Costa, Barroso e Sarti, 1985, p. 5.

Um feminismo latente pode ser vislumbrado na década de 20-30, no Pará, marcando a primeira onda do movimento, considerada onda sufragista. Se não há, nessa época, trabalhos pontuais sobre a questão da mulher que possibilitem marcar esse período, o mesmo não se pode dizer da presença de militantes feministas que circunscrevem os espaços de circulação das notícias e ferem o clima tradicional, ao lançarem a idéia da igualdade intelectual e política da mulher a partir da conquista do direito do voto, em franca discussão nos principais Estados brasileiros. As sufragistas paraenses nucleadas no Departamento Paraense pelo Progresso Feminino traduzem suas práticas em divulgar as idéias de Bertha Lutz, através dos jornais e em artigos que demonstram a sua inclusão entre as que defendem os direitos de igualdade política feminina. A recuperação dos discursos sufragistas de Ormindia Ribeiro Bastos e Elmira Ribeiro Lima tende a ser um elemento elucidador quanto à história de uma militância de letradas sem que estas sejam acadêmicas. Álvares (1990) considera este o primeiro movimento organizado de mulheres feministas no Pará<sup>4</sup>.

Nos anos 80, é possível perceber um significativo envolvimento de intelectuais nos estudos sobre a questão da mulher em nível de pós-graduação. Há uma certa afinidade entre estas e os movimentos de mulheres que se organizam no período, quer de grupos apartidários (como o MOPROM - Movimento de Promoção da Mulher) quer ligados a partidos políticos, como o MMCC – Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade, a UMB – União de Mulheres de Belém (antes CEDEPAM – Centro de Estudos, Debates e Participação da Mulher) e a Federação de Mulheres criada numa frente ampla do MDB – Movimento Democrático Brasileiro (que se transforma em PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, com a nova legislação eleitoral tende a congrega todas/os em prol das mudanças políticas contra os governos militares)<sup>5</sup>. Há também estímulo à formação de

---

<sup>4</sup> Sobre este movimento, cf. Álvares, 1990; Álvares, 2000.

<sup>5</sup> Cf. Duarte, Juliete. “*Mulheres & Movimentos: As Marcas do Feminismo Paraense da Década de 1980*”, TCC, Curso de Ciências Sociais, Belém-PA, 1993, mimeo.

uma frente acadêmica de estudos sobre a mulher, a partir de um projeto da antropóloga Jane Felipe Beltrão que transforma sua pesquisa num grande Seminário sobre a Mulher Região Norte – Brasil, em 1985, onde tudo o que havia de trabalhos nessa área, numa perspectiva interdisciplinar, passa a ser publicizado em três dias de atividades. Um outro seminário é organizado no ano seguinte, 1986, e novos temas na área são publicizados.

Os anos 90 trazem um aporte mais sedimentado das pesquisas sobre a mulher entre as intelectuais paraenses. E trazem também uma afinidade incondicional entre algumas delas com os movimentos de mulheres que proliferam nessa época, quer de formato institucional quer de natureza informal. Embora haja referências de que no Sul e Sudeste as pesquisadoras da questão da mulher já estivessem trabalhando com a teoria de gênero num enfoque feminista<sup>6</sup>, não há notícia, neste período, de que as paraenses estivessem utilizando essa perspectiva, embora as antropólogas já referidas trouxessem para os seus estudos a configuração clássica das teorias de gênero de sua área disciplinar<sup>7</sup>. É a partir do I Encontro de Pesquisadoras sobre a Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste, promovido pelo NEIM/UFBA, em 1992, em Salvador/BA e contando com a presença de pesquisadoras paraenses, que será desencadeada a discussão deste enfoque, na UFPA, partindo-se de uma bibliografia pertinente intercambiada pelas pesquisadoras baianas e encimada pelo texto clássico de Joan Scott, *Gênero, uma categoria útil de análise histórica*<sup>8</sup>.

A criação do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre a Mulher e Relações de Gênero – GEPEM, no CFCH/UFPA, em 1994, pode historiar o processo

---

<sup>6</sup> Cf. Machado, Lia Zanota. Feminismo, Academia e Interdisciplinariedade; e Heilborn, Maria Luíza. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: Costa, Albertina & Bruschini, Cristina. *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

<sup>7</sup> Sem tratar propriamente da literatura específica, vê-se em Jane Beltrão uma bibliografia que prioriza Marx, Marx e Engels, Marcel Mauss, Althusser e autores brasileiros que trataram do conceito de representação, ideologia e relações de trabalho. Em Maria Angelica Motta-Maués, há revisão de uma literatura que, dentro de sua proposta, prioriza as análises sobre simbolismo e ritualização (Mary Douglas, Edmond Leach, Victor Turner, Lévi-Staruss, Margareth Mead).

<sup>8</sup> O texto foi originalmente traduzido pelo SOS Corpo, de Recife, mimeografado e, no I Encontro do NEIM/UFBA, em 1992, distribuído entre as participantes do Encontro. Também nesse evento foi lançado o livro de Costa & Bruschini, *Uma Questão de Gênero*, op. cit. , com abordagens pontuais sobre os estudos de gênero no Brasil.

agregador que foi desenvolvido pela Profa. Luzia Álvares/DCP/CFCH/UFPA<sup>9</sup>, cuja linha de pesquisa vinha, desde o ano de 1986, tratando do tema sobre mulher & política e interessada em agregar as demais colegas para o *pool* sobre esses estudos na UFPA<sup>10</sup>. Este processo se constituiu num marco de efeitos de colateralidade sobre o enfoque da história das mulheres, ao congregar não só as pesquisadoras das diversas áreas interdisciplinares das Ciências Sociais e das Letras e Artes, mas de outras áreas de universidades particulares e estaduais do Pará (Saúde, Educação, etc.). Do I Encontro temático organizado por esse grupo de pesquisadoras, em novembro/94, com múltiplos objetos de estudos e muitos interesses quer acadêmico, quer de militância, criou-se uma nucleação interdisciplinar que tem colaborado com os estudos atuais de gênero, seja na perspectiva feminista ou não, tratando também das questões pertinentes às mulheres.

Ao elaborar a trajetória destes estudos sobre a questão da mulher e relações de gênero, além da criação dos grupos de pesquisa e núcleos de estudos, no Pará, intentamos analisar os produtos que daí têm surgido: as teorias e as metodologias fundantes na discussão intra e intergrupos, utilizadas pelas acadêmicas e pelas militantes que têm feito desses estudos seu eixo de trabalho.

## **A TRAJETÓRIA PARAENSE DOS ESTUDOS SOBRE MULHER**

---

<sup>9</sup> Declaradamente uma dimensão histórica traz a referência e me coloca no que Angelica Maués diz: “se me permitem ser meu próprio informante...”

<sup>10</sup> Na verdade, as conversas sobre a criação deste grupo deram-se desde o período do mestrado no NAEA, no início dos anos 80. A afinidade entre Álvares e as suas orientadoras, Profas. Edna Maria Ramos de Castro e Rosa Acevedo Marin, participantes também do I Seminário sobre Mulher Região Norte Brasil, contribuíram para o estreitamento das intenções. Houve, nesse período, inclusive, uma primeira reunião entre as três e a elaboração do esboço de um primeiro documento sobre objetivos e metas de criação do grupo. Essa articulação somente foi retomada após o encontro de Salvador, em 1992, com o estímulo pelos debates agora juntando outras pesquisadoras do Depto. de História, Profa. Maria de Nazaré Sarges, Profa. Edilza Fontes, Prof. José Maia; de Psicologia, Profa. Eunice Guedes e suas bolsistas do PIBIC; da Antropolgia, Profa. Angélica Motta-Maués; e da Universidade Estadual do Pará, Dra. Suzanne Serruya.

No final dos anos 60, mais precisamente em 1967, Heleieth Saffioti defendeu uma tese de livre-docência para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), texto pioneiro sobre *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*, que será o eixo detonador dos estudos que se seguirão a partir daí sobre a questão da mulher. Transformada em livro, com inúmeras edições já publicadas, esta tese reúne importante contribuição aos estudos sobre a mulher e o seu lugar na sociedade capitalista brasileira. Mas é somente no período de 1970 – 1975, com os eventos internacionais relativos à criação de movimentos de liberação da mulher e no contexto anglo-saxão<sup>11</sup>, que se pode falar numa “pré-história” dos estudos sobre esta área específica, no Brasil.

Em 1975, a ONU declara o Ano Internacional da Mulher e o feminismo brasileiro incorpora-se às comemorações mundiais. Começam a tomar corpo os segmentos interessados num novo debate que se inicia. Surgem os grupos de reflexão, os de ação e reflexão, que procuram explorar sua autonomia nos grupos e partidos de esquerda. Não é muito fácil a condução desse movimento, principalmente para as feministas socialistas que agora enfrentam os dilemas partidários para demonstrar que o “pessoal é político” e que a opressão de gênero não é uma simples consequência da economia, nem será resolvida num segundo momento. As dissidências das autonomistas são expressivas e suas pendências políticas encontram eco em outros grupos e em novos espaços, por exemplo, seminários científicos, encontros independentes em reuniões nacionais como as promovidas pela SBPC – Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência. Tais eventos fortalecem os debates das novas temáticas. Dizem Costa, Barroso e Sarti (1985): “1975 é um marco. Representa o início de uma mobilização política mais intensa a pretexto do Ano Internacional da Mulher, onde a coloração feminista ainda é bastante indiferenciada. As graves questões da democratização da sociedade brasileira

---

<sup>11</sup> Com a criação de centenas de cursos de “Women’s Studies”, resultante da pressão desses estudos. Cf. Costa, et ali, 1985.

passam à frente dos assuntos "específicos" das mulheres e os assuntos "específicos" das mulheres trabalhadoras passam à frente dos assuntos das outras mulheres.<sup>12</sup> Entre 1975 e 1978, dizem elas, o tema emerge com a aura da "visibilidade à mulher como agente social e histórico, como sujeito, pelo empenho em desvendar sua opressão, e demonstrar que uma abordagem destas questões é pertinente, traz contribuições importantes ao entendimento da sociedade; a busca de legitimar a mulher como objeto de estudo."<sup>13</sup>

É neste período (1977), que a antropóloga paraense Maria Angelica Motta-Maués procura trabalhar sua pós-graduação em nível de mestrado, na UnB – Universidade de Brasília – utilizando-se de temática convergente nas teorias clássicas de sua área, trazendo para o cenário acadêmico as mulheres de uma comunidade paraense, as simbologias de sexualidade e o cotidiano da casa vivenciado por essas mulheres. Ela demonstra os diferentes comportamentos de "trabalhadeiras" e "camarados"<sup>14</sup> e visibiliza as práticas ritualísticas femininas que afastam as mulheres locais ou atividades que constituem domínios importantes de sua sociedade, quando certas situações do ciclo vital da mulher se externalizam, como a menstruação, a gravidez, o parto, o puerpério.

Diz Maria Angelica Motta-Maués<sup>15</sup>:

A pesquisa foi desenvolvida em uma pequena localidade onde as pessoas se dedicam à pesca e à agricultura, sendo estes marcadores sociais hierarquizados da diferenciação de gênero nativa: homens na pesca/mulheres na roça. Ênfase a importância da mulher e de seu trabalho para a garantia de subsistência da comunidade, mas também considero, na análise, a classificação local que não rotula as mulheres como pescadoras e onde os domínios da água e da terra são identificados com homens e mulheres respectivamente.

Neste sentido, ao propor estudar "o status das mulheres e, implicitamente, dos homens", Motta-Maués já difere da perspectiva tradicional que falava sobre as mulheres no

<sup>12</sup> Cf. Costa, Barroso e Sarti, op.cit. p. 6.

<sup>13</sup> Idem, ibidem.

<sup>14</sup> "Camarado" é o tripulante dos barcos de pesca. "Trabalhadeira" é a mulher que trabalha nas roças de mandioca (e milho), diz Motta-Maués.

<sup>15</sup> Entrevista concedida à autora, pela Profa. Maria Angelica Motta-Maués.

contexto de certos temas (parentesco, ritual, divisão sexual do trabalho, etc.), uma vez que seu trabalho centra na posição social das mulheres na comunidade amazônica onde realizou seu trabalho de campo (Itapuá, PA).

Ao escrever sua dissertação, a temática *gênero* não era contemplada e mesmo a chamada “questão da mulher”. Daí porque, na revisão bibliográfica que fez para o trabalho não consta nenhum estudo na área de Antropologia feito no Brasil. Apesar disto, sua análise contempla a construção social da relação entre mulheres e homens. Por isso, como diz Angelica,

No tempo em que não se ‘fazia gênero’, na verdade, não deixávamos de falar de gêneros com outros rótulos. Óbvio que a diferença (e grande) está no respaldo de uma construção teórica (e social) que se deu entre nós brasileiras, só nos anos 80 do século XX.

Dois anos depois, em 1979, outra paraense defende sua dissertação de mestrado na UnB, ocupando-se também da questão da mulher. Desta vez, tratando do corpo feminino de trabalhadoras da castanha, tendo como fundamento a teoria antropológica. Jane Felipe Beltrão conclui sua pós-graduação com o enfoque ao tema: *Mulheres da castanha – um estudo sobre trabalho e corpo*. O projeto fora apresentado ao 1º Concurso de Dotações da Fundação Carlos Chagas, em 1978, sendo aprovado e, em 1982, publicado entre os demais trabalhos selecionados que haviam recebido dotação.

Diz Jane Beltrão:

Ao elaborar meu trabalho de dissertação o fiz de modo muito solitário, discutindo com poucas pessoas. Após defender a dissertação, fiquei em Brasília para trabalhar, mas em 1980 o Prof. Jean Hèbette me trouxe de volta à Belém. Aqui chegando trabalhei no NAEA e depois fiz pouso no Departamento, à época, de História e Antropologia. Estando no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, comecei uma tentativa de elaborar o cadastro de pesquisadoras e mulheres que trabalhavam sobre e/ou com outras mulheres, pois nessa imensa Amazônia nós éramos invisíveis. Muitas me ajudaram: Leila Mourão, Ana Lúcia Medeiros, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Edila Arnaud, Luzia Miranda Álvares, Maria Angélica Motta-Maués, Maria Celeste de Miranda Medeiros, Anete Lins, Ana Vicentina, Sandra Leite, Zélia Amador de Deus, as amigas do peito e de todas as lutas. Em meio à discussão incentivada por Albertina Oliveira, do Departamento de

Geografia, e por Ana Rita Pereira Alves, de História e Antropologia, que trabalhavam”. com a Profa. Maria Helena Bentes, Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UFPA, estas colegas me incentivaram a fazer uma proposta de trabalho a ser apresentada à UFPA e ao CNPq, relativo a um seminário sobre a mulher. E qual não foi a minha surpresa quando vi a proposta aprovada como projeto de pesquisa e financiada pelas duas instituições. Em 1985, fizemos o primeiro encontro – Seminário sobre a Mulher – Região Norte/ – Brasil; e em 1986, o segundo, pois, para não fugir à regra, a verba do CNPq chegou após à realização do primeiro seminário. A divulgação ficou a cargo de uma jovencinha que fazia curso de Comunicação na UFPA chamada Jimena Felipe Beltrão que, não por acaso, é a minha irmã querida. Lógico que em se tratando de mulheres, não deixamos os laços familiares de lado, todos contribuem<sup>16</sup>.

O *Seminário sobre a Mulher – Região Norte/ – Brasil*, em sua versão I (1985) e II (1986) pode ser considerado o movimento acadêmico pioneiro em inventariar a produção científica sobre a questão da mulher no Pará e na Amazônia. Aos recursos do CNPq foram agregados o de outras fontes de financiamento privadas que conseguiram cobrir as despesas com pró-labore, passagem, estadia das conferencistas convidadas para o evento, como Fúlvia Rosemberg e Jacqueline Pitanguy. É significativo o que diz Jane Beltrão sobre a infraestrutura do primeiro e do segundo seminário:

Foi divertido e trabalhoso fazer os eventos. O dinheiro não era muito, mas gerido por mulheres “filhou”, pois a verba que era para trazer duas ou três pessoas acabou trazendo mais gente, pois as estrelas abriram mão de hotel e pró-labore e daí muitas foram as mulheres presentes. Além do evento, os laços tornaram-se estreitos, pois muitas hospedaram outras tantas e entre discussões, oficinas e filmes fomos discutindo com uma multidão de estudantes as questões que nos inquietavam. Há publicações, inclusive dois cadernos do CFCH especiais. Tenho fichas, recortes de jornais, fotografias, painéis usados para colher opiniões, etc.

E quem eram as interlocutoras nesses dias de atividades? Diz Jane:

Não apenas as mulheres da academia se fizeram presentes. Mulheres do movimento popular do campo, da floresta e da cidade. Trabalhadoras do campo, lideranças sindicais, indígenas, negras, gente de todos os cantos da Amazônia que aqui chegaram com muita dificuldade. No grande Norte, também incluímos as maranhenses vindas até aqui a partir do Grupo de Mulheres da Ilha e assim tudo foi feito.

<sup>16</sup> Este depoimento foi dado à pesquisadora, pela Profa. Dra. Jane Felipe Beltrão, do Departamento de Antropologia/UFPA. Jane teve, inicialmente, como orientador, o Dr. Klaas Wortmann (que, aliás, foi também orientador de Maria Angelica Motta-Maués), e ao final foi orientada pelo Dr. Julio Cezar Melatti, pois Wortmann encontrava-se no exterior.



Do relatório dos Seminários, é notória a produção que foi apresentada em forma de comunicação oral e mesas redondas, onde tomaram parte não só as coordenadoras do evento, mas um expressivo número de pesquisadoras/es de áreas diversas das Ciências Sociais. Complementando o depoimento diz Jane Beltrão:

Não foi mais do que isso, mas creio que foi bastante, daí muitos projetos deram frutos. É só ver os títulos e os artigos. Uma verificada nos cadernos do CFCH e tornamo-nos menos invisíveis. Vieram dissertações e nós nos multiplicamos. Este foi o mérito. Tentei uma publicação via CNPq chamada “Mulher, Mulheres”, mas não houve verba. Daí, como boas contadeiras de histórias, lembramos a década de 80, onde as minorias eram o mote da participação política<sup>17</sup>.

No período relativo a 1980-1986, esse grupo de pesquisadoras da UFPA em seus estudos contemplou temáticas voltadas para a visibilização da categoria mulher. A discussão acadêmica mesclou-se com as questões levantadas pelos movimentos de mulheres existentes no período - com a liderança de Dulce Acioly (Movimento de Promoção da Mulher), Isabel Cunha (Sociedade Paraense dos Direitos Humanos) Edilene Franco (Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade), Leila Mourão (União de Mulheres de Belém), entre outras<sup>18</sup>. Seguiu-se uma metodologia de arcabouço marxista, voltada para a percepção das minorias étnicas, recuperação da história social e política da mulher, onde sobressaíam ênfases à questão das relações de trabalho, do mercado de trabalho, do trabalho doméstico, da questão rural com enfoque sobre a luta pela terra (uma situação agravada, na Amazônia); da participação na política formal, da literatura, da educação, entre outros temas. As teorias antropológicas e sociológicas configuravam-se como vertebralizações fundamentais para os estudos da questão da opressão da mulher na sociedade de classe, contidas nos clássicos como Margareth Mead e

---

<sup>17</sup> Cf. Beltrão, Jane Felipe (org.) *Reconstituindo a História das Mulheres a partir dos Retalhos*. Cadernos do CFCH., nº 12, 1987; e *Mulher e Trabalho*. Cadernos do CFCH, nº 13, 1987. Os dois números do periódico publicaram os trabalhos apresentados no II seminário sobre a Mulher – Região Norte/Brasil, ocorrido em 1986.

<sup>18</sup> Ressalte-se que a presença das militantes dos movimentos de mulheres contribuiu positivamente para o avanço dos estudos iniciados na academia sobre a questão da mulher. E as acadêmicas faziam questão de estreitar o relacionamento integrando-as aos debates sobre a questão da mulher. Exemplo disto está inscrito na estruturação das mesas redondas do Seminário sobre a Mulher Região Norte-Brasil. Na discussão sobre “Mulher, trabalho e relações de poder”, as participantes são: uma historiadora, uma advogada da DRT, uma enfermeira, uma operária da construção civil e uma doméstica.

Malinowski, Durkheim, Weber, Marx e Engels, Alexandra Kolantai, ou seja, os clássicos da Grande Teoria. Entre as referências brasileiras, destacam-se Heleieth Saffioti, Neuma Aguiar, Fanny Tabak e Moema Toscano, Silvia Pimentel, Eva Blay, Cristina Bruschini, Jacqueline Pitanguy, Branca Moreira Alves<sup>19</sup>.

A produção científica, no período 1980/1986, sobre a temática da mulher era incipiente, embora as pesquisadoras envolvidas com o assunto estimulassem seus/suas alunos/as para elaborarem os trabalhos finais de curso na trilha de suas pesquisas. O procedimento metodológico para a efetivação desses estudos conduziu à valorização de análises antropológicas e sociológicas e à recuperação de documentos. Isso permitiu diversificar fontes, entre as outras áreas, antes somente valorizadas no campo da História.

No período de 1987-1992, houve um recrudescimento dos estudos sobre a mulher, no âmbito da UFPA. Registra-se a participação das acadêmicas, que tratavam do assunto, na orientação de TCCs, de monografias de especialização, de dissertações de mestrado, além de palestrantes nos eventos realizados pelos movimentos de mulheres sobre temas como a questão das relações de trabalho, sexualidade e participação política. Há artigos publicados, em 1987, no único periódico do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os *Cadernos do CFCH*, nº 12 e 13 (por sinal, a única publicação existente no âmbito desse Centro) que expressam essas demandas<sup>20</sup>. Embora se possa observar uma baixa produtividade acadêmica na área de publicações em outros assuntos, a questão da mulher registra um índice ainda mais baixo dessa produção. De um levantamento feito em 1995<sup>21</sup>, visando a elaborar um cadastro da produção científica sobre os estudos da questão da mulher, na UFPA, foi possível

<sup>19</sup> Cf. Relatório do Seminário sobre a Mulher – Região Norte/Brasil, CFCH, Belém, Pará, 1985, mimeo.

<sup>20</sup> Convém destacar que, ainda em 1980, nos *Cadernos do CFCH*, nº 1, é publicado um artigo pioneiro sobre a questão da mulher, escrito por Motta-Maúes, M. Angelica: - *O “dom xamanístico” e a sujeição feminina numa comunidade de pescadores*.

<sup>21</sup> O projeto foi desenvolvido em cinco Estados do Norte e do Nordeste pela REDOR, criada em 1992 na Bahia congregando núcleos de estudos das universidades dessas duas regiões. Foi o Projeto “Gênero e Universidade” no Norte e Nordeste, coordenado pela pesquisadora do NEIM/UFBA, Profa. Elizete Passos.

identificar, neste período (1987-1992), 19 trabalhos entre artigos, dissertações de mestrado e projetos de pesquisa entre 1986 e 1990<sup>22</sup>.

Considera-se como remanescente da primeira fase, tornando-se consistente nesta segunda, a linha de pesquisa de Álvares (1986)<sup>23</sup>, voltada para a temática mulher & política, e que resultou na sua dissertação de mestrado *“Saias, Laços e Ligas: construindo imagens e lutas. Um Estudo sobre as formas de participação política e partidária das mulheres paraenses: 1910-1937*. A pesquisa de Álvares (1986) volta-se para a história das mulheres, dando corte espacial e histórico (Pará, do século XIX a 1937). A construção teórica seguiu o método dialético, examinando as relações de poder na política partidária paraense. Inclui-se naqueles trabalhos que usaram essa lógica para visibilizar a participação das mulheres num espaço tradicionalmente masculino”.

No início dos anos 1990, outro estudo sobre a questão da mulher suscita pensar que o tema está emergente: *“Mulheres Esterilizadas: submissão e desejo”*, de Suzanne Serruya<sup>24</sup>. A autora evidencia um problema que àquela altura estava sendo explorado nas discussões dos movimentos de mulheres: a saúde da mulher e o papel materno. Do que se

---

<sup>22</sup> Torna-se importante registrar os títulos desses trabalhos para se ter uma idéia dos temas suscitados nos debates iniciais acerca da questão da mulher: ALVES, Ana Rita Pereira “A Origem do homem e da mulher?”; ACEVEDO Marin, Rosa E. “Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará”; ALVARES, M. Luzia M. “A participação da mulher na política partidária: o caso do Pará”; ALVARES, M. Luzia M. “Saias, Laços e Ligas: Construindo imagens e lutas”; BELTRÃO, Jane Felipe. “A discussão “pública” sobre a sexualidade feminina”; BELTRÃO, Jane F. “Ação invisível? Um registro sobre a participação das mulheres em greves no Pará”; BELTRÃO, Jane Felipe. “Mulheres da castanha: Um estudo sobre trabalho e corpo”; FONTELES de LIMA, Anita E. “As operárias da castanha e a construção do seu cotidiano em Belém”; MAIA, Maria Lúcia Sá. “O controle do espaço doméstico e o tempo feminino na fábrica”; MANESCHY, Maria Cristina Alves. “Empregadas domésticas em Belém”; MEDEIROS, Maria Celeste M. “A mulher comerciarista: um estudo sobre a força de trabalho feminino no comércio de Belém”; MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. “Mãe-Preta & Mulata: Reconstituindo imagens da mulher negra”; MOURA, Edila Arnaud. “Trabalho Feminino e acidente de trabalho numa indústria madeireira em Manaus”; MOURA, Edila A. “A utilização do trabalho feminino nas indústrias de Belém e Manaus”; MOURA, Edila A. “Zona Franca de Manaus: os filhos da era eletrônica”; MOURÃO, Leila. “A ilusão do poder e o poder da ilusão: a incorporação do trabalho feminino na indústria paraense, 1949-1980”; CAVALCANTE, Noêmia Freitas. “Meninos e meninas de rua. Marginalidade: opção ou imposição?” Há um registro considerável de trabalhos de Motta-Maués, apresentados em encontros e seminários e também monografias de alunos por ela orientadas, sobre o tema.

<sup>23</sup> Esta linha de pesquisa inicia-se desde 1983, a partir da carta-proposta apresentada à seleção do Mestrado no PLADES/NAEA/UFPA.

<sup>24</sup> Médica Ginecologista, docente da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual do Pará. Fez seu mestrado no PLADES/NAEA/UFPA.

pode observar da leitura desse trabalho, Serruya utiliza-se das teorias de Michel Foucault e Elizabeth Badinter para sustentar sua argumentação em torno do desejo e da submissão, duas facetas marcantes na discriminação sobre as mulheres na aceitação à maternidade e/ou na busca de métodos de esterilização para escapar ao eterno papel que condiciona esse gênero e restringe as possibilidades de vivenciar outros espaços sociais. Há utilização de uma metodologia quantitativa e qualitativa, procurando comprovar, através de dados, os estoques sintomáticos das rupturas ao “único destino” previsto para o gênero.

Outro estudo que se pode apontar neste período com eixo na questão da mulher é o de Eunice Figueiredo Guedes<sup>25</sup>, da área da psicologia social escolar. Ela procurou desenvolver sua análise sobre as questões específicas, utilizando-se das teorias de Foucault, Derrida, Lacan e Freud: “*O Xote das Meninas, o instinto de investigação que move (remove)*”.

Na área da literatura, pode-se perceber o investimento na recuperação de figuras femininas da época medieval, com os cavaleiros românticos e as damas cantadas em verso tornando-se os grandes eixos de estudos. Inscrevendo-se na recuperação da obra literária da escritora paraense Eneida de Moraes, Eunice Ferreira dos Santos não especifica as questões dessa figura enquanto mulher, mas procura recuperar a obra eneídiana para demonstrar a discriminação que Eneida sofreu, em sua própria terra, dos que desconsideram sua obra. Subjacente, há toda uma história de militância política da escritora, no PCB, que tende a se tornar a causa das discriminações.

Em outras áreas disciplinares, apesar da linha principal não se voltar para estudos específicos sobre a mulher, já podem ser considerados grandes avanços aquelas análises que percorrem outros eixos, mas dão provimento à presença das mulheres nos espaços de circulação variados. São monografias, dissertações de mestrado que abordam as relações de

---

<sup>25</sup> Docente e pesquisadora do Departamento de Psicologia Social Escolar/CFCH/UFGA. Fez seu mestrado em Ciências Sociais, na UFPB, defendendo a dissertação em 1995.

trabalho e apontam para o lugar em que a mulher se inscreve em atividades variadas: na pesca, nas padarias, no comércio, na família, na indústria, na agricultura, na academia. As teorias circulam entre a história social, a antropologia e a lingüística. As fontes para a identificação dos dados inscrevem-se entre as formais e as informais. Nota-se que há um processo circulante de teorias e metodologias que fundamentam os estudos sobre a condição feminina que transitam entre a visibilização e o reconhecimento da identidade de mulheres que são sujeitos das pesquisas empreendidas.

## **A CRIAÇÃO DOS NÚCLEOS, OS ENCONTROS ACADÊMICOS E AS PESQUISAS INTEGRADAS<sup>26</sup>**

Os primeiros núcleos de estudos e pesquisas que são criados no Brasil datam da década de 80.<sup>27</sup> A partir da década de 90, os estudos sobre a questão da mulher tendem a incorporar a perspectiva de gênero como categoria de análise, impulsionando a criação de novos núcleos. Neste período, há também o estímulo à criação de grupos de trabalho (Gt's) nas Associações Científicas, que se reúnem anualmente para debater as questões acadêmicas e da pós-graduação, como a ANPED (Educação), ANPOCS (Ciências Sociais), ANPUH (História), ABRALIC (Literatura Comparada), ABA (Antropologia), além do apoio orçamentário às pesquisas, nessa área, por instituições de fomento, como a Fundação Ford, por exemplo, que subsidia os primeiros concursos promovidos pela Fundação Carlos Chagas, em torno da problemática da mulher e relações de gênero, incentivando uma razoável produção científica de alta qualidade e competência<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> Esta parte foi acrescida de informações acerca dos novos investimentos em pesquisa e pós-graduação sobre relações de gênero, na UFPA, tomando-se dados até 2001.

<sup>27</sup> Ana Alice Costa & Cecília Sardenberg (1994) identificam o primeiro núcleo criado, o NEDIM – Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a Mulher, na UFCE, em 1981. Em 1983, é criado o NEIM/UFBA. “Em 1984, são criados mais três núcleos nas Universidades Federais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais”, (p. 390). Albertina Costa refere o Núcleo de Estudos sobre a Mulher da PUC/RJ sendo criado em 1980. Cf. Costa, 1994, p. 409.

<sup>28</sup> Sobre esta fase de desenvolvimento dos núcleos cf. Costa et. ali, 1985; e Costa & Sardenberg, 1994.

No Pará, as discussões em torno desse conceito emergiram e tomaram uma linha regular de questionamentos, a partir da integração de um grupo de pesquisadoras da UFPA ao I Encontro de Pesquisadoras sobre a Mulher e Relações de Gênero do Norte e Nordeste, promovido pelo NEIM/UFBA, em 1992, em Salvador/BA e que trouxe como saldo positivo também a criação, em 1994, do Grupo de Estudos e Pesquisas “Eneida de Moraes” sobre a Mulher e Relações de Gênero – GEPEN –, no CFCH/UFPA, reunindo docentes pesquisadoras e suas bolsistas das diversas áreas interdisciplinares das Ciências Sociais, da Saúde, do Serviço Social, da Educação e das Letras e Artes, quer da UFPA, quer de universidades particulares e estaduais do Pará. O eixo propulsor deste grupo tem raízes no interesse demonstrado por Álvares e suas orientadoras Rosa Acevedo e Edna Castro, do NAEA, desde o período de elaboração de sua dissertação de mestrado, conforme já referenciado<sup>29</sup>.

É possível vislumbrar, entre os anos de 1992 e 1994, indícios de que a nova temática incluindo a questão da mulher e a perspectiva de gênero já estava se tornando um ponto de convergência, um centro de debates, na rede teórica das Ciências Sociais, no ambiente amazônico. Em janeiro de 1992, a representante do CFCH no Comitê de Pesquisa da UFPA, Profa. Maria Angelica Motta-Maués, organiza e realiza, juntamente com a direção e pesquisadores desse Centro, o I Encontro de Pesquisadores do Centro de Filosofia. Nesse evento, foi possível publicizar os resultados de pesquisas e os projetos em andamento que estavam se desenvolvendo naquela unidade acadêmica, reunindo-se sete comunicações no Grupo Temático I – Questões de Gênero: Identidade, Processos de Trabalho e Participação Política<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> Cf. neste artigo, à nota nº 8.

<sup>30</sup> Os trabalhos apresentados foram os seguintes: “*Padeiros e castanheiras em Belém: por que és o avesso, do avesso, avesso...*”, de Edilza Fontes (Departamento de História e Antropologia); “*Trabalho e saúde/doença mental: um estudo com professores de Primeiro Grau*”, de Hilma Koury (Depto. De Psicologia Social Escolar); “*Seminário Sobre Mulher – Região Norte/Brasil*”, de Jane Felipe Beltrão (Depto. De História e Antropologia); “*Imaginário, movimentos sociais e construção da identidade feminina*”, de Lindalva Teixeira (Depto. de

Em maio de 1993, o VI Encontro de Ciências Sociais Norte/Nordeste, realizado em Belém (PA), organizado pelo NAEA-Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, registrou entre os grupos temáticos o referente à *Mulher e Relações de Gênero*, com inscrição de trabalhos de pesquisadoras dessas duas regiões. Dois destes trabalhos foram selecionados para compor a coletânea organizada e publicada sob o título de *Novos Paradigmas e Realidade Brasileira*<sup>31</sup>: *As Saias, os Laços e as Ligas na Política Partidária Paraense*, de Luzia Álvares (UFPA) e *“Familiarizando(-se com) o Público e Politizando o Privado*, de Alda Britto da Motta (UFBA). No Grupo Temático *Brasil Moderno e Pós-Moderno – Dimensões Éticas e Estéticas da Política*, observa-se um trabalho que aponta para as novas perspectivas dos paradigmas realçados na realidade brasileira: *Imagens do Feminino na Política*, de Irllys A.F. Barreira (UFCE). No primeiro GT, a versão da mulher na política predominou nos debates, enfatizando-se a presença histórica de mulheres comprometidas com a política oligárquica paraense. No segundo trabalho, o debate girou sobre a versão da ambigüidade entre o público e o privado na política e a dimensão teórica destes dois conceitos em se tratando de analisar a presença pública da mulher. No outro grupo mais geral referente ao papel das elites políticas, o enfoque marcou a discussão sobre as imagens de uma personagem feminina que pleiteava legitimidade num campo minado pelo masculino, a política. A fotografia foi abordada através dos códigos de expressões e configurações ritualísticas da política onde emergia uma mulher ousada que enfrentava o *status quo* na administração municipal de uma capital brasileira, a Prefeita Maria Luisa Fontenelle, em Fortaleza (CE). Tratava-se de uma versão importante de estética, mas também da nova ética na política brasileira.

---

Metodologia); *“Trabalhadoras rurais e engajamento sindical resgate de identidade(s): um estudo no sul do Pará*, de Maria Eunice Figueiredo Guedes (Depto. de Psicologia Social escolar); *“Memórias esquecidas” de imagens construídas: das idéias feministas (1910) à organização do movimento sufragista no Pará”(1931)”*, de Maria Luzia Miranda Álvares (Depto. de Ciências Sócio-Políticas); *“A condição feminina em Belém no período da borracha (1870-1914)”*, de Marinete dos Santos Silva (Depto. de História e Antropologia).

<sup>31</sup> Cf. Ximenes, Tereza (org.) *Novos paradigmas e realidade brasileira*. Belém: UFPA/NAEA, 1993.

Em setembro de 1993, um outro evento, desta vez internacional, abrigou um grupo de trabalho sobre mulher e gênero. *A Amazônia e a Crise da Modernização*, evento promovido pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi, reuniu em conferência “um número considerável de intelectuais brasileiros e estrangeiros, jornalistas, políticos e representantes de movimentos sociais interessados na questão da Amazônia”, com vista a discutir “as possibilidades do desenvolvimento sustentável dentro do ‘background’ dos grandes projetos, da industrialização e das metrópoles na Amazônia”<sup>32</sup>. O *GT Diversidade e Gênero* acolheu a inscrição de cinco trabalhos, sendo quatro selecionados, para a composição do livro *A Amazônia e a crise da modernização: “Educação e (In)Submissão Feminina no Pará”*, de Álvares, M.L.M. ; “Quando chega essa “ visita”, de Motta-Maués, M. A.; “Mulher na padaria dá problema de amores”, de Fontes, E.; e “Uma presença discreta: a mulher na pesca”, de Maneschy, M.Cristina.

Estes eventos são demonstrativos de que há uma trajetória marcante de pesquisadoras que mantêm diálogo interdisciplinar com o assunto, algumas sendo remanescentes dos primórdios dos estudos, na UFPA, sobre a condição feminina, na década de 70, como Maria Angelica Motta-Maués. Com isso, foi possível realizar uma agregação destas pesquisadoras a partir do I Encontro Amazônico sobre Mulher e Relações de Gênero, realizado pelo recém-formado GEPEM, no período de 17 a 19 de novembro de 1994, reunindo um número considerável de trabalhos na área, inventariando o que estava sendo produzido no Norte do país na década de 90. Neste encontro, houve participantes de três Estados: Pará, Maranhão e Manaus.

É interessante recuperar, do relatório deste evento, os temas tratados durante três dias de comunicação e discussão. Distribuídos em seis grupos - Mulher e História no Pará; Mulher, Saúde e Família; Mulher, Identidade e Cultura; Gênero e Violência; Mulher e

<sup>32</sup> Cf. D’Incao, M.Ângela e Silveira, Isolda Maciel. *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994, 592 p.



Relações de Trabalho; e Mulher, Participação Política e Movimentos Sociais –, com 60 trabalhos inscritos e 27 selecionados. Objetivou-se não só inventariar os diferentes estudos realizados, mas estreitar os laços acadêmicos entre os/as pesquisadores/as da temática, na Região. Os resultados deste encontro estão publicados no livro *A Mulher Existe? Uma contribuição aos estudos da mulher e gênero na Amazônia*, organizado por Álvares & D’Incao e lançado em dezembro de 1995<sup>33</sup>. Além disso, houve a presença significativa de lideranças dos movimentos de mulheres, não só da zona urbana, mas também da zona rural, além de representantes do Conselho Municipal da Condição Feminina, entidade oficial criada na década de 80, com o objetivo de tratar da questão dos direitos e das políticas públicas relativos às mulheres.

Outro encontro temático sobre gênero foi o seminário *Mulher, Relações de Trabalho e Meio Ambiente*, organizado pelo Departamento de Sociologia/UFPA, em janeiro de 1995, com o apoio do GEPEM. Neste evento, mesas redondas e grupos temáticos contaram, além das paraenses, com a participação de acadêmicas das universidades do Nordeste filiadas à REDOR. Outros assuntos foram ventilados neste encontro, o que suscita pensar num processo de disseminação significativo para estes estudos e na diversificação de enfoques sempre mais ricos de experiências de pesquisa<sup>34</sup>.

Constituindo sua agenda regular de eventos, o GEPEM organizou um II Encontro Amazônico Sobre Mulher e Gênero, realizando-o em abril de 1996. Um número mais expressivo de trabalhos foi inscrito, com a seleção mantendo-se nos Grupos Temáticos já regularmente estimulados em pesquisas desenvolvidas e em trabalhos de graduação e pós-

---

<sup>33</sup> Álvares, M.Luzia Miranda e D’Incao, Maria Ângela. *A Mulher Existe? Uma contribuição aos estudos da mulher e gênero na Amazônia*. Belém, GEPEM-UFPA/Museu Goeldi-CNPq, 1995, 252 p.

<sup>34</sup> Do programa consta a realização de uma mesa de abertura e cinco grupos temáticos: Mulher e Relações de Trabalho no Campo e na Cidade; Resgatando a História e as Lutas das Mulheres; A Mulher no Mundo das Águas: produção, Simbolismo e Mudança em Comunidades Pesqueiras; Representações Sociais e Construção Teórica sobre Mulher, Identidade, Trabalho e Meio Ambiente; Enfoque Sócio-psicológico da Maternidade e Psicopatologia do Trabalho. Embora não haja registro de quantos trabalhos foram inscritos, da seleção constam 28 comunicações.

graduação. Nas mesas redondas, houve inclusão de temas como Enfoques Metodológicos sobre Teorias de Gênero; Gênero e Identidade Masculina; Mulher Indígena; Mulher e Política: entre a teoria e a prática. O Grupo de Mulheres da Ilha e o nascente NIEPEM - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher/UFMA, do Maranhão – também se constituíram em mesa redonda, tratando das relações de trabalho e da violência doméstica e da violência no meio rural maranhense. Também as acadêmicas da Universidade do Amazonas, constituídas no NEIREGAM/UFAM, trouxeram sua contribuição ao debate inscrevendo-se nas discussões sobre cidadania e participação política, com temas instigativos referentes à carreira militar entre as mulheres e o movimento das operárias na Zona Franca de Manaus.

Do mesmo modo que o I Encontro, o segundo possibilitou a organização de uma coletânea – *Mulher e Modernidade na Amazônia* (Tomo I) – reunindo os trabalhos selecionados por uma comissão editorial que foi criada no GEPEM, com vistas a novos planos editoriais<sup>35</sup>.

Nessa área editorial, foi relevante o surgimento do jornal IARAS, cujo primeiro número foi lançado em 8 de março de 1995, no hall da Reitoria/UFPA, comemorando o Dia Internacional da Mulher. A edição do jornal era trimestral e em suas oito páginas divulgava além das notícias de eventos locais os de outras instituições que intercambiavam informações. Cerca de 11 números foram periodicamente lançados. Sua ausência atual do plano editorial do GEPEM deve-se, mais, à carência de recursos aos grupos de pesquisas que recebiam material de consumo e repassavam uma parte para esta atividade.

Outra publicação dessa área é o “Perfil”, assim chamado o *caderno de resumos* dos encontros promovidos pelo GEPEM. Dois números desta publicação registram as

---

<sup>35</sup> Cf. Álvares & Santos & D’ Incao. *Mulher e Modernidade na Amazônia*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, 1997, 383 p.

atividades efetivadas nos eventos, resultando num mapeamento significativo dos temas debatidos nos dias de trabalho específico e nas mesas redondas.

As linhas de pesquisas individuais e integradas também tiveram o poder de disseminar informações sobre a problemática da mulher e os estudos de gênero. Com a criação do GEPEM, algumas pesquisas que estavam sendo desenvolvidas num plano individual facilitaram a formação de eixos temáticos significativos e interdisciplinares e alguns até regionalizaram seus resultados. Foi possível estruturar, por exemplo, as seguintes linhas: Mulher e Participação Política; Mulher, Relações de Trabalho, Meio Ambiente e Desenvolvimento; Gênero, Arte e Literatura; Gênero, Identidade e Cultura; e Gênero, Saúde e Violência, que foram coordenadas pelas pesquisadoras que em suas unidades acadêmicas mantinham projetos nessas temáticas regularmente aprovados nas instâncias superiores da UFPA. Associados/as a esses subgrupos mantinham-se não só outras pesquisadoras, mas também os alunos de graduação e da pós-graduação afinados com a temática e produzindo seus planos de trabalho nessa vertente.

Dessas cinco linhas, duas se transformaram em projetos integrados: *Mulher e Participação Política* ajustou-se a um projeto inter-regional desenvolvido pela REDOR<sup>36</sup> e aprovado pela Fundação Ford, comendo com a Bahia (NEIM/UFBA), Rio Grande do Norte (NEPAM/UFRN), Pernambuco (Fundação Joaquim Nabuco) e Maranhão (NIEPEM/UFMA). Este projeto refere-se a estudos pontuais sobre a participação e a representação feminina na política formal. A outra linha relativa à *Mulher, Relações de Trabalho, Meio Ambiente e Desenvolvimento*, tem pesquisa desenvolvida através de um projeto interdepartamental por pesquisadoras da Sociologia e Ciência Política, tratando das mulheres pescadoras e suas relações de trabalho desenvolvidas no meio amazônico. Esta linha de pesquisa afinou-se com outros projetos integrados – Desenvolvimento da Produção Familiar do Campo Paraense

---

<sup>36</sup> A Rede Feminista N/NE de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relação de Gênero, criada em setembro/1992, na Bahia.

(CFCH/UFPA) e o RENAS (Museu Paraense Emilio Goeldi-(MPEG) –, transferindo informações em projetos de extensão e também colhendo dados empíricos sobre as atividades das mulheres pescadoras e da comunidade em que vivem no litoral paraense.

Outra pesquisa integrada e inter-regional, realizada pela REDOR, financiada pela Fundação Ford e assumida pelas pesquisadoras do GEPEM, foi *Gênero e Universidade*, cujos resultados estão constituídos em um livro editado pela REDOR, *Um Mundo Dividido: O Gênero nas Universidades do Norte e Nordeste*<sup>37</sup>, com o texto relativo a Belém tratando de uma pesquisa da Profa. Vera Lúcia Jacob, do Centro de Educação/UFPA, sobre a presença da mulher nas áreas disciplinares nos cursos da UFPA, a produção acadêmica e a ocupação em cargos de chefia e direção, nos anos de 1976, 1986 e 1990<sup>38</sup>.

## **A REDOR, OS ESTUDOS FEMINISTAS E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE PRODUÇÃO INTEGRADA DO GEPEM**

A Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR – criada em 1992 iniciou-se de uma preocupação regional em aglutinar pesquisadoras/es e estimular a formação de grupos de estudo de gênero. Introduziu o compromisso do trabalho coletivo incentivando encontros anuais das associadas em âmbito regional. De quinze a vinte participantes do primeiro encontro, cresceu em tamanho e extrapolou a quantidade simples. Fortaleceu e desenvolveu a produção científica regional na área específica, indo muito além desse aspecto ao contagiar estudos clássicos com o olhar na perspectiva de gênero. Procurou construir, através de pesquisas inter-regionais, os dados quantitativos e percentuais sobre várias questões referentes à condição da mulher brasileira

<sup>37</sup> Organizado pela coordenadora regional da pesquisa, Profa. Dr. Elizete Silva Passos. Salvador, UFBA, 1997, 283 p. Os demais Estados em que foi feita a radiografia de gênero na academia foram: Amazonas, Bahia, Maranhão, Pernambuco, Piauí e Sergipe.

<sup>38</sup> Cf. Jacob, Vera Lúcia. Mulher e Universidade: um estudo sobre atuação da mulher no magistério superior na Universidade Federal do Pará. In; Passos, op. cit., 1997, p. 187-202.

nestas duas regiões. Considerando que estes dados, ao serem estudadas no Centro Sul, geralmente recaem nas projeções estatísticas mais gerais, extraídas de relatórios de organismos nacionais. Se os encontros anuais ou bi-anuais acadêmico-científicos regionais e nacionais têm o mérito de divulgar e estimular a produção do/da pesquisador/a das instituições de ensino superior, a intenção da REDOR, em seus eventos, sempre foi a de marcar politicamente o eixo clássico dos estudos sobre a questão da mulher e, presentemente, os estudos de gênero, nas universidades. Além disto, tem procurado construir internamente o processo de capacitação de suas associadas, conferindo a estas uma irmanação coesa e dialética em torno dos novos paradigmas que circulam no interior dos enfoques feministas de coloração diversa. O feminismo instaurado nas discussões das integrantes da rede passou pelo arranjo da diversidade de argumentação teórica e estudos empíricos da realidade social de suas bases. A capacitação na área específica tem sido a necessidade básica das ações propositivas dos encontros anuais<sup>39</sup>.

Essa interlocução entre os núcleos de estudos de gênero existentes e/ ou criados fortaleceu uma considerável disseminação de uma vasta bibliografia nacional e internacional sobre o conceito de gênero, em área interdisciplinar, numa perspectiva feminista. As discussões ainda conservam o tom da dúvida sobre o modo como trabalhar esse conceito (que teorias e que tecnologias metodológicas trabalhar?). Supõe-se, entretanto, que isto tende a tencionar as abordagens consideradas acabadas sobre o conceito de gênero, o que seria um problema de reducionismo científico e distorcido das demandas acadêmicas das diversas áreas do saber.

Os estudos de gênero na UFPA, distribuídos entre os vários grupos de pesquisas que hoje convivem no meio das Ciências Humanas, têm seguido a vertente diversificada

---

<sup>39</sup> Este parágrafo foi extraído do relatório final da coordenação da REDOR (biênio 1996-1998).

anotada por Machado (1992)<sup>40</sup>. O que se percebe ainda de forma acentuada é o “ranço” dos estereótipos sobre o conceito de feminismo, que alguns/as introduzem em suas análises, dificultando a inserção do conceito de gênero apenas como uma categoria de análise objetivando-se o olhar sobre a mulher.

A produção científica da UFPA, a atual e a advinda dessas fases iniciais, trabalha com a questão feminina na perspectiva de gênero e alguns desses trabalhos incluem discussões sobre a perspectiva feminista. A tecnologia metodológica incorporada nesta produção tem se utilizado das referências teórico-clássicas de áreas tradicionais da Antropologia, da Sociologia, da Literatura e da Psicanálise, em que metodologias qualitativas e quantitativas interligam-se numa visão interdisciplinar, contemplando-se várias áreas do conhecimento tais como: a história, a antropologia, a literatura, a sociologia, a psicologia, a ciência política.

A criação do GEPEM teve uma repercussão considerável nesses estudos na UFPA, tanto na área da graduação quanto na pós-graduação. Sua estruturação foi efetivada através da realização de encontros acadêmicos, seminários, produção científica, TCCs, integração com os movimentos sociais e movimentos de mulheres, fomento de intercâmbio intercentros e interdepartamentos, estimulando-se a problemática de seus estudos através da formulação de pesquisas específicas sobre a mulher e as relações de gênero numa perspectiva contextual de abordagens. Além disto, há projetos oficializados que integram subprojetos de bolsistas, nas várias linhas de atuação como na literatura, relações de trabalho, meio ambiente, história social, comunidades negras, indígenas, pesca, religião, sexualidade, transformismo, velhice, saúde e violência, entre outros.

A socialização da produção científica tem sido desenvolvida tanto na área urbana quanto na rural, através de seminários, painéis, workshops, consultorias, entre outros. Ainda

<sup>40</sup> Cf. Machado, Lia Zanotta. *Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade*. In: Costa & Bruschini (orgs.) *Uma Questão de Gênero*. Op. Cit. P. 24-38.

como meta de trabalho, tem sido efetivado regular intercâmbio com os movimentos organizados de mulheres e instituições não-governamentais e governamentais tanto locais quanto nacionais.

O engajamento do GEPEM às pesquisas interregionais da REDOR, conforme já enfocado em outro item desse ensaio, contribuiu para o reconhecimento do potencial acadêmico dos estudos que se faziam no Estado sobre o tema. Ressalte-se que a inserção do Pará nas pesquisas integradas se dá antes da criação do GEPEM, através do projeto “**Mulher e Saúde**” coordenado, em Belém, pela Dra. Suzanne Serruya/UEPA, e desenvolvido por pesquisadoras autônomas de várias capitais onde existiam associadas da REDOR instalada, oficialmente, em 1992, em Salvador, durante o I Encontro promovido pelo NEIM<sup>41</sup>. Quanto ao projeto integrado *Gênero e Universidade*, foi assumido pelo GEPEM, e coordenado, primeiramente pelas pesquisadoras do Departamento de Metodologia /UFPA, Lúcia Sá Maia e Edila Arnaud<sup>42</sup>, que coletaram os primeiros dados da pesquisa. Integrou-se ao projeto, num segundo momento, uma outra professora associada do GEPEM, Vera Lúcia Jacob, que contribuiu com os estudos que já havia realizado para a sintetização dos dados da pesquisa. Embora este projeto não estivesse entre as linhas de pesquisa do GEPEM, mas pelo compromisso assumido, conseguimos encaminhar os dados existentes.

O projeto *Cidadania, Participação Política e Gênero no Norte e Nordeste do Brasil*, constituiu-se no aproveitamento, pela REDOR, de um projeto individual de Álvares (1996), adequado aos interesses do GT Política e Feminismo, sendo apresentado à Fundação Ford e aprovado para vigor em cinco Estados (Bahia, Pará, Pernambuco, Maranhão e Rio Grande do Norte). Os dados desta pesquisa devem constar de uma publicação.

---

<sup>41</sup> O GEPEM somente é oficializado em agosto de 1994, após um dos encontros da REDOR ocorrido em Natal/RN. Antes as pesquisadoras se integraram à rede de forma autônoma.

<sup>42</sup> Integrantes dos primeiros estudos sobre a questão da mulher, na UFPA.

A integração entre os projetos da Rede, conforme demonstrado, tem um cunho concreto, pois as propostas coletivas se apóiam em projetos desenvolvidos nos Estados onde se acham sediados os núcleos de gênero. Este meio encontrado pela REDOR de criar seus dados certamente é uma estratégia política para visibilizar não só as atividades de pesquisa das integrantes da Rede, mas, através destas, evidenciar as condições de vivência e experiência relacional de homens e de mulheres das duas regiões, presença que tem estado ausente dos estudos feitos sobre esta problemática, por pesquisadores de outras regiões.

## **NOVOS PROGRAMAS DE PESQUISA E DE PÓS-GRADUAÇÃO E OS ESTUDOS DE GÊNERO NA UFPA**

No período em que este inventário foi esboçado preliminarmente<sup>43</sup>, os estudos da pós-graduação em Ciências Humanas, na UFPA, favoreciam o ensino *stritu e latu – sensu*, com ênfase, no primeiro caso, nas atividades do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA e, no segundo caso, em cursos de especialização oferecidos pelos Departamentos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como Sociologia e Política (Teoria Sociológica, Estado e Fronteira na Amazônia e Partidos Políticos) e História e Antropologia (Teoria Antropológica, História da Amazônia). Destes cursos, é possível mapear trabalhos universitários (dissertações e teses defendidas, monografias de especialização, comunicações apresentadas em reuniões e congressos), que apresentaram, como eixo de estudos, a problemática da mulher e as relações entre os sexos. Com a emergência do conceito de gênero, essa categoria de análise passou a presidir as produções que foram elaboradas pelos novos alunos dos cursos regulares de pós-graduação do CFCH, como o Mestrado de

---

<sup>43</sup> No 7º Encontro da REDOR, em set. /1998, em São Luís, Maranhão.



Antropologia (1994) e o de Sociologia (1999) e o Doutorado Interinstitucional de Ciência Política (1999).

É sintomático dos novos tempos que a pós-graduação regular tenha incorporado linhas de pesquisa em seus programas, contemplando a questão de gênero e criando a possibilidade de inserção de alunos e seus projetos de dissertação nas linhas de pesquisa desse programa. Em Sociologia, por exemplo, a linha de pesquisa *Populações Tradicionais no Pará: reordenação social e sustentabilidade* possui um subprojeto intitulado “*Populações pesqueiras no Pará, reordenação social e sustentabilidade em uma perspectiva de gênero*” que desenvolve estudos sobre as relações de trabalho das mulheres de áreas pesqueiras e que pretende conhecer as estratégias de produção e reprodução social das populações pesqueiras do Pará pela ótica da divisão sexual do trabalho e da participação feminina na gestão das comunidades. O estudo parte da constatação de que as poucas políticas de fomento à pesca na região, em geral, desconhecem os papéis das mulheres, suas habilidades e saberes no relacionamento com o ambiente natural e social. Através da análise das atividades exercidas por mulheres, no âmbito familiar e associativos, dentro ou fora do sistema produtivo da pesca, a pesquisa foi elaborada no sentido de captar processos sociais importantes na constituição dessas localidades e no seu potencial de resistência<sup>44</sup>.

No âmbito desse tronco sociológico da pós-graduação, a linha de pesquisa está possibilitando a elaboração de um projeto e uma dissertação de mestrado. Os temas abordados inscrevem-se na temática referente aos usos sociais do tempo pelas mulheres em uma comunidade agro-pesqueira no Pará<sup>45</sup> e num estudo sobre a situação do trabalho doméstico feminino como atividade desmercantilizada<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Algumas publicações têm resultado desses estudos, além de um vídeo, produzido pelo GEPEM em parceria com a ONG CEPEPO (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Popular), a ser exibido na Mostra de Vídeos Etnográficos que ocorrerá no Encontro da ANPOCS regional, em agosto de 2001.

<sup>45</sup> De autoria de Marineide Pereira de Almeida, do GEPEM.

<sup>46</sup> De autoria de Josinete Pereira Lima, do GEPEM.

O Mestrado em Sociologia, no rol de suas disciplinas optativas, inclui *Temas Atuais de Sociologia* com programação elaborada conforme as temáticas das dissertações, estando prevista a temática *Gênero nas Ciências Sociais*<sup>47</sup>.

Em Antropologia, foram criados dois grupos de pesquisa, integrados ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. O grupo *Antropologia, Relações Raciais e Gênero*<sup>48</sup> tem como linha de pesquisa *Raça, Etnicidade e Gênero: diferenciações e multiplicidades*, favorecendo projetos de pesquisa dos docentes envolvidos e subprojetos de dissertação dos alunos da pós-graduação. O Grupo de Pesquisa *Entender Belém*<sup>49</sup> agrega quatro linhas de pesquisa, - Antropologia da Religião, da Saúde, Urbana e *Gênero* -, e também subprojetos de pós-graduação nessas linhas.

Um outro fator que aponta para a valorização atual dos estudos de gênero na pós-graduação da UFPA, no âmbito das Ciências Humanas, é a oferta de disciplinas sobre a perspectiva de gênero, como se observa na Antropologia que oferece no Mestrado cursos sobre *Família e Gênero* e *Questão Racial e Gênero no Brasil*. Se dessas vertentes proliferam monografias que problematizam as relações de gênero, já se observa um eixo mais novo ainda de demanda em torno das discussões sobre masculinidade<sup>50</sup>.

O Curso de Doutorado Interinstitucional de Ciência Política, embora estudo específico de matérias concernentes à teoria política e política brasileira, tem apresentado, pelos docentes da instituição promotora – o IUPERJ – os assuntos teóricos, numa perspectiva de gênero. A questão do feminismo tem sido levantada como item questionador do *mainstream* das Ciências Sociais, inclusive, constando na bibliografia geral do curso, nos

<sup>47</sup> A ser ministrada pelas duas coordenadoras do subprojeto, Luzia Álvares e Maria Cristina Maneschky.

<sup>48</sup> Coordenado por Maria Angelica Motta-Maués, pesquisadora veterana dos estudos de gênero na UFPA.

<sup>49</sup> A coordenadora do Grupo é Jane Felipe Beltrão, também veterana nestes estudos desde a década de 1970. A linha de pesquisa de Gênero é coordenada por Cristina Donza Cancela, com pós-graduação na área.

<sup>50</sup> Entre estes produtos cf., entre os projetos de dissertação: “Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidade entre jovens de camadas urbanas de Belém”. Entre as dissertações já defendidas: “A Rosa tatuada: um estudo antropológico sobre a linguagem dos corpos de meninas-mulheres”; “E o Casamento, Como Vai? Um estudo sobre a conjugalidade em camadas médias urbanas”; “As Mulheres do Pássaro da Noite: pajelança e feitiçaria na região do Salgado (Nordeste do Pará)”.

*Tópicos Avançados de Teoria Política* no 4º item dessa bibliografia: *Gêneros: Políticas Feministas*<sup>51</sup>. Entre os projetos apresentados ao doutorado destaca-se um referente à representação política feminina e a política de cotas<sup>52</sup>.

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos - NAEA – inclui-se hoje entre os cursos de pós-graduação que oferece uma linha de pesquisa sobre gênero e meio ambiente<sup>53</sup>, um avanço significativo nas discussões que eram apresentadas nessa instituição de pós-graduação, no final dos anos 80, com alguns dos docentes constituindo-se em orientadores de dissertações tematizando a história política da mulher, o trabalho feminino no meio urbano e no meio rural e também no âmbito da identidade étnica.

Nos parâmetros desta proposta de inventariar estudos sobre mulher e gênero, no seu percurso na UFPA, há possibilidade de alguns trabalhos terem ficado de fora destas referências, não foi proposital, mas levou em conta a dimensão da formação dos grupos e núcleos constituídos nestas três décadas (1970-1990) responsáveis pelo dimensionamento efetivo, em nível nacional e internacional, das questões concernentes à situação da mulher e os novos estudos de gênero. Uma pesquisa mais acurada nas várias unidades acadêmicas da instituição poderá apontar para a diversidade de formas de tratar esta questão, em áreas ainda pouco demonstrativas dessas demandas.

Se antes não havia interlocução entre as pesquisas e as pesquisadoras sofriam suas dúvidas arcando com o isolamento não só por carência de debatedores sobre seu objeto de pesquisa, mas pela insipiência de abordagens sobre o assunto, hoje, a situação na comunidade

---

<sup>51</sup> Ver dessa bibliografia autores como : Benhabib, Seyla (1992) *Situating the Self: Gender, Community and postmodernism in contemporary ethics*. New York, Routledge; Benhabib, Seyla e Butler, Judith, Cornell, Drucilla, Fraser, Nancy (1995). *Feminist Contentions; A Philosophical Exchange*. New York, Routledge; Butler, Judith e Scott, Joan W. eds. (1992) *Feminist Theorize the Political*. New York, Routledge, entre 24 publicações referidas sobre feminismo.

<sup>52</sup> Apresentado por M. Luzia Miranda Álvares, 1999: *Participação e Representação Política Feminina no Norte do Brasil: Um estudo comparativo sobre o sistema de cotas (1996-2000)*.

<sup>53</sup> A coordenadora dessa linha de pesquisa é a antropóloga Ligia Terezinha Lopes Simonian, que também organizou um Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq, considerando a vertente temática “Gênero, Meio Ambiente e Desenvolvimento”.

acadêmica, tanto na graduação quanto na pós-graduação em particular, apresenta a face nova de resultados que frutificaram com o empenho agregador do GEPEM. Este possibilitou a expansão e a vitalidade dos novos estudos sobre a questão da mulher e as teorias de gênero, incentivando a produção científica e a extensão na UFPA. A ampliação do leque temático tem aproximado as veteranas pesquisadoras e criado outros debates, como se pode ver dos novos estudos sobre masculinidade. Esse resultado aponta também para uma progressiva “invasão” aos campos construídos em que os estudos sobre mulher dificilmente chegariam se não ultrapassassem os limites do reducionismo em que circulavam.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ÁLVARES, M. L. M. **Saias, Laços e Ligas: Construindo Imagens e Lutas. Um Estudo sobre a Participação Política e Partidária das Mulheres Paraenses –1912-1937.** Belém, NAEA, 1990. (mimeo).

ÁLVARES, M. L. M.; D'INCAO, M. Â. **A Mulher Existe?** Uma contribuição aos estudos da mulher e gênero na Amazônia. Belém, GEPEM-UFPA/Museu Goeldi-CNPq, 1995, 252 p.

ÁLVARES; SANTOS; D'INCAO. **Mulher e Modernidade na Amazônia.** Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, 1997, 383 p.

COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. **Teoria e Práxis feminista na Academia: Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras.** In: Estudos Feministas, v. 2, Número Especial, Ano 2, 2º semestre, 1994.

BELTRÃO, J. F. (org.) Reconstituindo a História das Mulheres a partir dos Retalhos. **Cadernos do CFCH.**, n. 12, 1987; e Mulher e Trabalho. Cadernos do CFCH, nº 13, 1987.

COSTA, A.; BARROSO, C.; SARTI, C. Pesquisa sobre mulher no Brasil. Do limbo ao gueto? In: **Cad. Pesq.**, São Paulo (54): 5-15, agosto 1985

DUARTE, J. **Mulheres & Movimentos: As Marcas do Feminismo Paraense da Década de 1980,** TCC, Curso de Ciências Sociais, Belém-PA, 1993, mimeo.

D'INCAO, M. Â.; SILVEIRA, I. M. **A Amazônia e a Crise da Modernização.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994, 592 p.

MACHADO, L. Z. Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade; e HEILBORN, M. L. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: COSTA, A.; BRUSCHINI, C. **Uma Questão de Gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

MOTTA-MAUÉS, A. **“Trabalhadeiras” & “Camarados”**: Relações de Gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFPA, 1993, 228 p. (Coleção Igarapé).

PERFIL do I Encontro Amazônico sobre Mulher e Relações Sociais de Gênero. GEPEN, UFPA, 1994.

PERFIL do II Encontro Amazônico sobre Mulher e Relações Sociais de Gênero. GEPEN, UFPA, 1996.

PROJETO do Curso de Doutorado Interinstitucional de Ciência Política, 1999.

PROJETO do Curso de Mestrado de Antropologia, 1997.

PROJETO do Curso de Mestrado em Sociologia, 1999.

RELATÓRIO de Atividades da Coordenação Executiva da REDOR , 3º Biênio 1996-1998, mimeo.

RELATÓRIO do Seminário sobre a Mulher – Região Norte/Brasil, CFCH, Belém, Pará, 1985, mimeo.

RESUMOS das Comunicações do I Seminário de Pesquisa do CFCH/UFPA, Belém, 1995.

XIMENES, T. (org.). **Novos paradigmas e realidade brasileira**. Belém: UFPA/NAEA, 1993.